



Histórico da literatura infantil





A Literatura Infantil tem um histórico que apresenta íntima relação com a escola, seja em virtude de seu aproveitamento nas práticas de alfabetização, seja por sua inserção nos projetos de incentivo à leitura. Porém, ela não existiu desde sempre nem nasceu pronta e acabada, voltada para o seu público específico como nós entendemos hoje. Sua origem se liga ao fato de ser proposta como um agente de formação moral e comportamental para adultos. Só com o tempo ela passou a ser um produto para a criança que, por sua vez, muito tardiamente “passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias” (CUNHA, 2006, p. 22), a partir do século XVIII. Antes disso, a criança acompanhava a vida social do adulto e também a sua literatura. Os filhos dos nobres eram orientados por preceptores que escolhiam e indicavam os clássicos que deveriam ser lidos, enquanto as outras crianças liam e ouviam as lendas e os mitos desde a Antiguidade e depois, na Idade Média, as histórias de cavalaria, de aventuras, os contos de fadas e de outros seres fantásticos. Portanto, a nobreza tinha livros, enquanto os aldeões e camponeses tinham acesso à literatura apenas pela oralidade.





Quando estas histórias faziam parte da tradição oral, o mundo doméstico não era tão dissociado do resto da sociedade, trabalhava-se num lugar que era a extensão da casa. Não havia uma distância clara entre casa e trabalho, nem entre o mundo da infância e o dos adultos, assim como tampouco havia uma preocupação com a formação das crianças, pois nem havia uma clara ideia de que a infância, tal qual a concebemos, existisse. Na partilha ocorrida posteriormente, que fez com que casa e trabalho, adultos e crianças se separassem, os contos de fadas ficaram em casa com os pequenos (CORSO; CORSO, 2006, p. 25-26).

Na busca pelas origens da Literatura Infantil, nós a encontramos na novelística popular da Idade Média, e essa, por sua vez, tem sua origem em fontes indo-europeias, mais precisamente em algumas fontes orientais provenientes da Índia. Essas fontes orientais se espalharam pelo continente europeu durante a Idade Média através da transmissão oral.

A fonte literária primordial mais conhecida, com origem na Índia, é a coletânea *Calila e Dimna*, considerada a mais antiga das narrativas que originaram a Literatura popular europeia. Apesar de ter sido escrita inicialmente em sânscrito, e sendo difundida pelos primeiros discípulos budistas do século VI a.C., foi uma versão árabe a que veio até nós e que é resultante de três livros sagrados: *Pantschatantra*, *Mahabharata* e *Vishno Sarna*. *Calila e Dimna*





A Literatura Infantil na Europa

Entre essas fontes primordiais, a que influenciou a criação de um novo tipo de literatura foi a fábula. Gênero anterior à escrita, e com registros desde a Antiguidade.

A estrutura e conteúdo são conhecidos: animais assumem o lugar de pessoas, e o final da história propõe uma moral que busca corrigir os defeitos humanos ou indicar condutas edificantes. Os mais conhecidos fabulistas da Antiguidade foram Fedro (20 a.C.–44), que se encantava desde sua infância com as fábulas do grego Esopo (? - 620 a.C.). Essas fábulas eram conhecidas entre os romanos: Horácio (65 a.C.–19) citava em suas obras as fábulas do grego, que serviam para as avós entreterem os netos. Quintiliano (35 a.C.–59) aconselhava o uso das fábulas para o ensino da gramática e da oratória. Fedro seguia o modelo de Esopo ao criar as suas próprias fábulas. No prólogo do Livro II, ele diz que o “gênero de Esopo consiste em exemplos e em nada mais. Ele pretende, mediante fabulazinhas, corrigir os erros dos mortais e tornar o engenho humano diligente e atilado” (FEDRO, 2006, p. 55).

Vindo da Antiguidade, passando para a Idade Média, resistindo ao tempo pela transmissão oral e sendo retomada no Humanismo para fazer parte de coletâneas





Analizando a literatura infantil contemporânea





A história da literatura evidencia que as formas literárias variam de acordo com as ideias que marcam a época em que as obras foram produzidas. Nos dias de hoje, muito se fala em pós-modernidade, porém, pouco se pode afirmar sobre o que isso realmente significa. O que é possível determinar são os aspectos de comportamento, de uma sociedade de consumo extremamente motivada pelos meios de comunicação, pela exposição fácil na rede internacional de computadores, pela criação constante de novas atrações na TV que causem impacto e que resulte em pontos de audiência, entre outros aspectos. Imerso em tudo isso fica o ser humano. Este mesmo que, apesar das tantas facilidades oferecidas pela modernidade, continua sendo aquele ser contraditório, em grande conflito com sua própria existência e com uma sociedade que cada vez mais se fragmenta em pequenos nichos, ou em comunidades virtuais.

A existência humana mantém seus mistérios, agora sob um novo contexto. Na Grécia antiga, os filósofos se perguntavam de onde viemos e para onde vamos. Ao longo da história humana, outros pensadores trouxeram suas





Paulo Bocca Nunes

dúvidas e questionamentos sobre o mesmo tema. Descartes criou o pensamento lógico, porém este a partir da própria dúvida, como expressa em sua famosa frase – “Dubito ergo sum, vel quod item est, cogito ergo sum” –, que significa: “Duvido logo existo, ou o que é o mesmo, penso, logo existo”. E sobre esta dúvida, a existência humana vem até hoje atormentar nosso pensamento, não mais apenas na mente dos pensadores, mas na de pessoas comuns. Antes, queríamos saber de onde NÓS viemos e para onde NÓS estamos indo. Na sociedade contemporânea, a dúvida é outra; olhamos para nós como um ser individual e não como ser social. Passamos a perguntar para onde “EU vou”.

O nosso maior escritor, Machado de Assis, foi um exímio investigador da existência humana desvelando a interioridade das suas personagens desmascarando-as, como se estas vivessem continuamente uma impostura e precisassem representar papéis que não corresponderiam à sua alma interior. Afirmamos, categoricamente, que o escritor, qualquer que seja ele, ao criar a sua obra literária, tem como tarefa principal desnudar a sociedade, mostrando suas personagens e a forma como elas atuam no mundo em que vivem.

Machado nunca escreveu para crianças, mas o seu legado nos é importante para mostrarmos que a Literatura Infantil, dentro de suas proporções, é uma janela aberta





Paulo Bocca Nunes

levantamento dos elementos narrativos, identificando inicialmente os tipos de narradores, os pontos de vista presentes nos textos, a correspondência ou não entre os tempos diegético e do discurso; as relações de semelhança, oposição e hierarquia dos lugares em que se situam as ações; as caracterizações das personagens e as relações de semelhança, oposição e hierarquia entre elas e o(s) lugar(es).

Ao final, mostramos por que a obra literária não pode ser confundida com um instrumento de caráter pedagógico ou educativo, nem servir apenas de pressuposto para execução de meros “trabalhinhos” em sala de aula, mas sim como algo que carrega em si uma representação de mundo e que provoca o leitor infantil a um posicionamento crítico.

Fica Comigo

O texto de *Fica comigo* é de Georgina Martins; e as ilustrações, de Elisabeth Teixeira. No catálogo, a editora faz uma indicação bastante ampla quanto ao tipo de leitor a que o livro se destina, propondo duas faixas, uma para pré-leitor, até seis anos de idade, e outra para leitor iniciante, entre sete e oito anos; e, além disso, apresenta como faixa etária sugerida crianças a partir de dois anos.





personagem da história. Geralmente, as pessoas estão sob o controle do relógio, e isso se constitui no argumento para a não disponibilidade de tempo a ser dedicado aos filhos, sendo a parte da educação caberia aos pais é transferida para a escola.

O Pintinho Que Nasceu Quadrado

O texto *O pintinho que nasceu quadrado* é de Regina Chamlian e as ilustrações de Helena Alexandrino. No catálogo, a editora coloca o livro em uma coleção chamada *Cuca legal* que

reúne fantasia e encantamento, detalhes e surpresas do cotidiano, descobertas e necessidades, sentimentos e inseguranças próprias das fases da vida, ampliando e engrandecendo a relação da criança com os outros e com o mundo a sua volta (Global, 2010, p. 39).

Também no catálogo, a indicação é para leitores a partir de sete anos de idade; os temas que a história aborda são comportamento humano, respeito ao diferente e inclusão; como tema transversal, temos ética; e quanto à interdisciplinaridade a editora indica ciências, artes e língua portuguesa.





O Homem Que Amava Caixas

O livro de Stephen Michael King foi lançado na Austrália – país de origem do seu autor – em 1995 e, no Brasil, em 1997. A editora não faz outras referências ao livro, além apresentar como tema o relacionamento entre pai e filho e, como tema transversal, a ética (Brinque-Book, 2009). Tanto no livro como no catálogo não há qualquer indicação de faixa de idades, sejam elas para leitura acompanhada ou individual. Porém, no site da editora, encontramos outras indicações: os temas são amor, autoexpressão, família, personalidade e relacionamento pai e filho; o tema transversal é a ética; e a faixa etária indicada é de seis a oito anos de idade.

A história é sobre um homem que tinha um filho que o amava. O homem, por sua vez, amava caixas de todos os tipos, e, como tinha dificuldade em dizer ao filho que o amava, começou a construir coisas – castelos, aviões... – para seu filho, utilizando caixas. Por causa desse comportamento, as pessoas passaram a considerar o comportamento do homem muito estranho e até zombavam dele. Ele, porém, não se importava porque havia encontrado uma maneira de expressar seu amor ao filho.





Debates sobre a literatura infantil contemporânea





Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
(Camões)

Chegamos ao ponto em que vamos manifestar nossas convicções de que a Literatura Infantil contemporânea não é um instrumento didático e que, de forma diferente de seu próprio histórico, não se deve esperar dela um instrumento útil para oferecer ensinamentos aos pequenos.

Vejamos o caso de *Fica comigo*, considerando que, no catálogo, constam as informações de que a história refere-se ao relacionamento familiar e afetividade. Assim, muito superficialmente, nada nos diz sobre o conteúdo da história. Apenas indica dois assuntos que são tão subjetivos quanto temerários, visto que nem todo o adulto se sente à vontade para abordar certos assuntos com os filhos e até transfere para o professor toda a responsabilidade. Se ainda levamos em conta que o mesmo catálogo traz como interdisciplinaridade as matérias de Língua Portuguesa e

